

SUBENTENDIDO E PRESERVAÇÃO DA FACE: DO ENUNCIADO AO TEXTO


Aparecida Feola Sella - Elódia Constantino Roman - Sanimar Busse



1. NOS LIMITES DO SUBENTENDIDO 1.1 OBJETIVO DA PESQUISA

Pretende-se explorar a possibilidade de ampliação do conceito de subentendido proposto por Oswald Ducrot, partindo-se principalmente da concepção de que todos os falantes de uma língua têm consciência de que o fato de dizer um enunciado gera conseqüências no transcórre do discurso, pois tudo que é dito pode ser aceito ou contradito. Anunciar “uma opinião ou um desejo é expô-los, ao mesmo tempo, às eventuais objeções dos interlocutores” (Cf. Ducrot, 1987, p. 52). Propõe-se extrapolar o nível do enunciado de forma a avaliar certos enunciados no interior do texto, especificamente no caso daquele que é veiculado na internet e que resguarda um tom opinativo. A internet acomoda na interação estabelecida intenções diversas, e as interpretações podem extrapolar os dados informacionais, opinativos ou intencionais.


Quanto ao traço intencional, Ingedore Koch explica que a noção de intenção demarca-se no enunciado, numa espécie de jogo de representações, que pode corresponder ou não a uma realidade psicológica ou social. Se afunilada essa compreensão, apresentam-se mais visíveis enunciados que se voltam mais diretamente para o contorno enunciativo de forma a resguardar a face do produtor do texto. É nesse espaço singelo e às vezes instado no âmbito do implícito que reside nosso interesse pelo subentendido (Cf. Koch, 1984).



Para a discussão da preservação da face, um direcionamento mais satisfatório pode ser verificado em autores envolvidos com o estudo da conversação, a qual, enquanto realidade concreta, é concebida como um processo de negociações imediatas. As próprias condições de produção trazem no seu bojo a questão da completude envolvendo esforços dos falantes para garantir a autoimagem, reforçando a “face positiva” e amenizando o que poderia ser negativo e gerar obstáculos ao prosseguimento do discurso. Como os papéis são recorrentemente permutáveis, o encaminhamento da interação é executado duplamente. Trata-se de um processo de interlocução local, no qual ocorrem quase que simultaneamente a elaboração mental, a manifestação verbal e a construção do discurso, num lapso de tempo muito curto, e mediante uma pronta intervenção do interlocutor.

Pelo entrosamento que se instaura, o encaminhamento dos atos de fala depende dos objetivos dos interlocutores. Entre os atos que podem ocorrer numa conversação, Luiz Marcushi cita asserções, constatações, perguntas, dúvidas, os quais estão sob constante vigilância por parte dos interactantes. Podem ocorrer momentos de sobreposição de vozes e falas simultâneas que geram uma dinâmica de disputa pelo turno, ao longo da conversação. Cada intervenção, ou turno, é constituída de diferentes estruturas de caráter lingüístico, podendo ser um complexo oracional ou mesmo estruturas de natureza supra-segmental ou paralingüística (Cf. Marcushi, 1987). Pois bem, a noção de preservação da face sugere um contorno pragmático estabelecido no âmbito da linguagem oral-dialogada, o que não impossibilita, porém, a transposição de alguns traços residentes no exercício de monitoração para o texto escrito. Vejamos um exemplo retirado de um depoimento colhido por Schifffrin (1987):

- Zelda (a) Hum. Eu não estou interessada nisso.
 (b) **Minha família está.**
 (c) **Joana está.**
 (d) **Ela sabe mais do que os garotos.**
 (e) Mas eu não.




Nesse recorte percebe-se um acréscimo de informação (a parte em negrito), além do solicitado pelo interlocutor. Tem-se um visível esforço para remediar o impacto dado pela pergunta que não acomoda um simples “sim” ou “não” (espera-se que possam surgir apologias, explanações acessórias ou mesmo desculpas). A pergunta que gerou a resposta acima foi se a informante se interessava por esportes. Em (b) e (d), adicionaram-se informações sobre o interesse de membros da família, as quais resultam do próprio confronto de uma interlocução face-a-face, na qual se espera um certo tipo de cooperação (a interlocutora projeta no seu enunciado dados que possam estabelecer uma cooperação positiva). Ou seja, calcula-se que, se não houver cooperação, surgirão subentendidos do tipo *ela não quer colaborar nesta pergunta* ou *não quer continuar a entrevista*, ou então *pode ser o simples desejo de colaborar de alguma forma com a pergunta*, para citar alguns exemplos.

1.2 COMO ALARGAR O CONCEITO DE SUBENTENDIDO A PARTIR DO CONCEITO DE PRESERVAÇÃO DA FACE?

Quando se produz um enunciado do tipo *Pedro parou de fumar*, está se dizendo, no exato momento da enunciação, que *Pedro não fuma atualmente*. Mas, como adverte Ducrot, não se trata da manifestação de uma simples codificação, ou melhor, de “uma manifestação de um pensamento, escondido em si mesmo, através de símbolos que o tornam acessível” (Ducrot, 1972, p. 14). As intenções discursivas podem ser entendidas se concebermos que a língua é o estabelecimento das regras de um jogo que oferece dispositivos que asseguram o inter-relacionamento, de forma que possam ser atingidos os objetivos dos falantes. Alguns atos de fala induzem imediatamente a uma transformação jurídica da situação — refere-se aqui ao conceito de ato ilocutório proposto por Ducrot —, porém há outros atos que podem não ter esse aspecto jurídico ou mesmo imediato.

Um dos exemplos dados pelo autor reside no fenômeno do subentendido que envia a um processo de codificação e no fim do qual aparecem todas as formas de atos



ilocutórios. Se considerarmos que a pressuposição, informação apresentada à margem do discurso, é vista por Ducrot como um ato ilocutório, é fácil perceber a decisão do autor em considerar a pressuposição tanto marcada na frase, como realizada sob forma de subentendido.

Para elucidarmos inicialmente a hipótese dada, de que o subentendido pode ser um dispositivo que acena para o cuidado com o próprio processo em si, recorreremos à avaliação de exemplos apontados por Ducrot: em *Pedro parou de fumar*, há, na instância do dito, uma afirmação do tipo *Ele não fuma mais*, e, na instância do pressuposto, *Ele fumava antigamente*. Num dado processo interlocutivo, poder-se-ia dizer que o enunciado suscita interpretações como *Parar de fumar é prova de força de vontade*, subentendido que pode servir de pressuposto para *Você precisa ter força de vontade e parar de fumar*.

Ducrot, ao indicar certos vocábulos como instruções, senhas, direcionados a elementos lingüísticos, deixa um espaço considerável para a possibilidade de se avaliar a funcionalidade do subentendido além do limite do enunciado. Uma instrução pode render um feixe de informações motivadas por uma interpretação sobre a própria forma como se conduz o texto (Cf. Ducrot, 1987).

O enunciado insere-se no conjunto de movimentos em que o plano semântico do discurso, composto por elementos do conhecimento geral e, especialmente, de elementos do modelo situacional, demarca a constituição de manobras discursivas (Cf. Dijk, 2002, p. 32). Nesse circuito, mais amplo do que o previsto por Ducrot, tem-se o subentendido como um dado a ser monitorado pelo produtor do texto.

Os procedimentos responsáveis pelos atos que o locutor desenvolve referenciam a estrutura lingüística como expressão das dimensões que sustentam todo o conjunto discursivo instaurado no texto. O esforço para a manutenção da face aciona o subentendido gerado a partir, por exemplo, de um conflito ou uma interpretação equivocada que se quer evitar.

Depreenda-se que, embora Ducrot não se preocupe com o processo interlocutivo e

acene para fios de análise estabelecidos no interior do próprio enunciado (Cf. Ducrot, 1987), num texto escrito as chances de variação interpretativa ficam reduzidas, e, principalmente o subentendido torna-se um dado que pode receber ou não monitoramento.


Parte-se do princípio de que há uma relação de dependência do subentendido com a tessitura do texto escrito. Muito embora Ducrot entenda o subentendido como um processo interpretativo, e o faz considerando enunciados por ele simulados, pode-se ter, num texto que ultrapasse o espaço formal de um enunciado (dos utilizados por Ducrot), certas estruturas que vão sendo acomodadas para que se passe do subentendido para o dito.

2. ANALISANDO O SUBENTENDIDO

Se tomarmos *Pedro parou de fumar* e o enunciado *Até Pedro parou de fumar*, percebe-se neste último que o elemento lingüístico *Até* estabelece uma escala argumentativa que direciona o interlocutor para o subentendido que, no primeiro exemplo, é reconhecido como um dado a ser recuperado somente pelo processo interpretativo estabelecido pelo interlocutor. Se um *Até* já direciona uma avaliação, apenas circunscrita em *Pedro parou de fumar*, pode-se considerar a existência de porções textuais que monitoram o subentendido no interior de um texto.

Os trechos abaixo foram retirados de textos (veiculados na *Internet*) em que se pode verificar a atuação de porções textuais cuja função acena para o desvendamento de prováveis subentendidos gerados, de forma não pretendida, pelo modo como foi elaborado o enunciado. Contudo, ressaltamos que os casos aqui arrolados representam um dos caminhos possíveis de monitoramento de subentendidos. Os perfis que se encontram encobertos nessa sutil forma de lidar com a manutenção da face é um fato de língua que serve para orientar o leitor no processo de desvendamento do complexo mundo do sentido dos textos.

O monitoramento do subentendido surge a partir de enunciados postos no




movimento intertextual. Em “Quem é o bocó?”, de Sírio Possenti — em resposta ao artigo “Para você estar passando a diante” do jornalista Élio Gaspari (Cf. Gaspari, 2003) —, o cuidado com a preservação da face estabelece-se no contorno do próprio texto. No recorte abaixo, o conector *mas* representa a peculiar tentativa de dizer “entre aspas” ao leitor que o gerundismo não é uma característica típica de um estrato social menos cuidadoso com a língua padrão.

Não sei qual teria sido o estrato social que mais aderiu, ou aderiu antes, à novidade. A crer no manifesto endossado por Gaspari, o nicho seria o telemarketing. O certo é que a locução aparece em todas as falas de todas as telemarqueteiras. Devem receber severo treinamento, que inclui pelo menos duas exigências: não dizer nada que não esteja no script, e enunciar, em algum momento, a famosa fórmula “vamos estar -ndo”. O que preenche “-ndo” vai depender do serviço. Se é uma encomenda, então a empresa “vai estar enviando”. É uma reclamação? Alguém “vai estar providenciando”. Mas a expressão invadiu também as escolas: alunos já me disseram que vão estar me enviando trabalhos por e-mail (Possenti, 2003).

A remissão dada no texto de Possenti revela um posicionamento claro quanto à afirmação de que o gerundismo seria uma expressão utilizada por profissionais que não dominam a estrutura da língua. Essa afirmação, já dada na mídia televisiva e mesmo escrita, e espalhada para o cidadão que a utiliza sem o preconceito, acaba sendo utilizada no texto como um dado a ser contestado antes mesmo que se faça o subentendido *via o olhar do purismo*. Assim, o autor estabeleceu-se no patamar do ponderado, daquele que não vê com preconceito o uso da estrutura, já que tal atitude é impropriedade.

Do mesmo modo, o recorte abaixo, retirado do texto publicado em 06/07/2004 - 10h47m, com o título “Mundo fracassa na luta contra Aids e doença cresce rapidamente na Ásia”, da *Globo Online-Agências Internacionais*, acomoda o recorte abaixo em que se dispõe uma preocupação




visível com um subentendido gerado pelo caminho interpretativo advindo do que se entende serem os avanços na medicina, o que deve ser negado pois não faz parte das intenções do produtor do texto.

A Aids **ainda** é sem dúvida a maior epidemia da história da Humanidade - alertou Pior, ao apresentar o relatório, lançado a dias da 15ª Conferência Internacional de Aids, que começa no domingo - **não por acaso, em Bangcoc, na Tailândia**.

O autor estabelece sua posição de forma a retirar interpretações que admitam ser a Aids uma doença controlada. O elemento lingüístico **ainda** enfatiza a negação dessa possível interpretação e introduz uma escala argumentativa que se torna mais contundente diante da porção textual **não por acaso, em Bangcoc, na Tailândia**. Tem-se, na parte negritada, a exposição de um movimento pressuposicional/subentendido que creditaria o sentido de que a conferência a ser realizada em Bangcoc não aconteceria sem um objetivo claro de estabelecer-se um alerta à comunidade. O olhar ingênuo, que admitiria não haver argumentos a partir do local escolhido, é imediatamente negado. O **ainda** referencia uma maior visibilidade para o monitoramento empreendido, o qual se volta principalmente para quem não sabe como está o índice da Aids em Bangcoc: se não foi por acaso escolhido o local, com certeza o índice deve ser expressivo.

O que se disse sobre os recortes analisados corrobora as expectativas de Ingedore Koch. A autora entende que, ao serem inscritos no enunciado, os elementos lingüísticos introduzem “conteúdos semânticos adicionais os quais, sem a presença deles, não existiriam”, mas que em algumas situações são substituídos pelo contexto, pela intenção comunicativa e pelas crenças (Cf. Koch, 1984, p. 45). O conteúdo ou conhecimento presumido compreende uma espécie de roteiro para estratégias pela qual o locutor passa a compor seu discurso no sentido de conquistar a adesão do interlocutor para o seu ponto de vista.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além das marcas e evidências que se apresentam nas frases, acredita-se que o movimento do subentendido gera no processo interlocutivo indícios de que se deve ter cautela com porções textuais polivalentes a ponto de auferirem interpretações equivocadas. Ao avaliar um texto deparamo-nos, muitas vezes, com estratégias que revelam a consciência de que o fato de dizer um enunciado gera conseqüências no transcorrer do discurso. O monitoramento do tecido lingüístico que se tenta elaborar tende, principalmente em textos veiculados na internet, a acomodar indícios de que o traço intencional pode dinamizar um contorno enunciativo de forma a resguardar a face do produtor do texto.

A auto-imagem carece de exercícios de tessitura lingüística geradoras de explanações que se voltem para o próprio processo interlocutivo, o que não deve ser visto como um recurso acessório. Muito do material lingüístico presente em textos, que geralmente apresentam teor opinativo, acomoda porções que denunciam a necessidade da manutenção de um bom inter-relacionamento. Provavelmente o esforço para a manutenção da face acione o subentendido como um dado a ser pensado pelo produtor do texto diante das possíveis interpretações geradas, as quais podem demandar um certo conflito ou uma interpretação equivocada que se quer evitar. O monitoramento do subentendido surge a partir de enunciados postos no movimento intertextual, e, portanto, acaba sendo um movimento pragmaticamente desenvolvido mediante a necessidade de que se obtenha sucesso na interlocução traçada.

T & M

Texto recebido em setembro de 2004.
Aprovado para publicação em outubro de 2004.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
REVISTA TEMAS & MATIZES
www.unioeste.br/saber

4. SOBRE AS AUTORAS

Aparecida Feola Sella é Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Cascavel. Endereço eletrônico: afsella1@yahoo.com.br.

Elódia Constantino Roman é Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. Endereço eletrônico: ecroman@convoy.com.br.

Sanimar Busse é Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Cascavel e professora na mesma instituição. Endereço eletrônico: sani_mar@yahoo.com.br.

5. REFERÊNCIAS

- DIJK, Teun Van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2002.
- DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer: princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- . *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1984.
- . “Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português”. In: GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. São Paulo: Pontes, 2001.
- GASPARI, Élio. “Para você estar passando a diante”. *Novo Milênio*. São Paulo. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405a.htm> [Acesso em 26/05/2003].
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1987.
- . *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- POSSENTI, Sírio. “Quem é o bocó?”. *Novo Milênio*. São Paulo. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405a.htm> [Acesso em 26/05/2003].
- SCHIFFRIN, Déborah. *Discourses Markers*. New York: Cambridge University Press, 1987.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
REVISTA TEMAS & MATIZES
www.unioeste.br/saber